

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

•

Augusto Bracet



Augusto Bracet

Visitamos o professor Augusto Bracet.

A sua casa revela a ordem, o bom gosto equilibrado do seu espirito. As decorações são sobrias, como sobrios são os tons da sua pintura.

E' meio-dia quando lá chegámos.

E o interpellamos:

— O seu ponto de vista sobre a arte brasileira, professor Bracet?

Porque já não produzem os nossos artistas obras primas como as que eternizaram os nomes de Pedro Americo e Victor Meirelles?

E o pintor, incontinentemente, nos responde, numa expressão deduzida e clara, a trahit o habito da cathedra:

— A arte no Brasil está em permanente ascensão. Um momento só não soffreu, como a alguns quer parecer, influencia que a fizesse parar. O que é preciso é distinguir as condições em que a arte tem sido feita entre nós. Os grandes artistas do Imperio produziram em ambiente inteiramente differente do actual. Tinham o estímulo de uma sociedade que, sendo conduzida por Mecenas, não deixava os artistas em crise. Pedro Americo e Victor Meirelles trabalharam para uma brilhante "élite" e recebiam do poder central todo amparo de que necessitavam. Este poder central era representado pela poderosa mentalidade do Imperador, homem de preparo classico e humanista, de cultura litteraria, philosophica, scientifica, com argucia para descobrir as verdadeiras capacidades e com poderes e recursos para oriental-as, educal-as, tirar dellas, finalmente, tudo quanto, no interesse do nome do Brasil, ellas podessem dar. Assim, D. Pedro II quando deparava um talento sabia conduzi-lo e fornecia-lhe com os recursos pecuniarios indispensaveis o ambiente propria, se o artista desejava trabalhar. Não foi de outra maneira que procedeu sempre com os artistas que a sua perspicacia revelou. Tomemos o exemplo de Pedro Americo. O Imperador fel-o estudar, mandou-o á Europa aperfeiçoar-se. Encomendou-lhe, mais tarde, entre outros trabalhos, a Batalha de Avahy. Para que todas as facilidades tivesse o pintor, fel-o apresentar, officialmente, ao governo italiano e este cedeu-lhe um salão vasto, e sumptuoso, do palacio da municipalidade de Florença, se me não trahe a memoria, para abi ser pintada a grande tela. Nesta obra, applicou Pedro Americo dois annos de existencia socegada, tranquilla, feliz. Materialmente, nada lhe faltava. Moralmente sobravam-lhe os estímulos, pois que tinha a premiar-lhe a intelligencia o brilhante prestigio de que a alta sociedade o cercava. Mocidade, talento, cultura variada, conduzi-

dos directamente pela mão do soberano, crearam para esse artista o ambiente sem o qual é muito difficil produzir obras primas. Ademais, quiz o acaso que o Imperador estivesse na Europa por occasião da conclusão da "Batalha de Avahy" e a sua presença, indo pessoalmente descerrar a têla, seria como foi para o artista a maior honra que uma sociedade cheia de preconceitos como é ainda hoje e era, com muita mais razão, naquelle tempo, a européa, podia conceber que um monarcha rendesse á arte. Veja a differença da vida de Pedro Americo e mesmo, em menor escala, da vida de Victor Meirelles.

E' bastante comparar.

— Que é o artista presentemente? Um homem que precisa travar lucta violenta para viver. O meio é hostil porque poucos curam de arte e os que têm dinheiro não a prestigiam. O numero de artistas cresceu, o que é um bom symptoma, mas as necessidades tornaram-se duras e amargas e só difficilmente o artista pôde vencel-as. Quando o consegue, já se sente exausto, cansado, sem estimulos nem serenidade para produzir, para crear a obra que fique, a obra que lhe lembre o nome, um dia. O artista, presentemente, no Brasil, tem de disputar o trabalho, pedir, sollicital-o e, como acontece que este nunca é obtido directamente, de quem pôde dar, verifica-se geralmente que o resultado pecuniario das suas obras não chega para muita coisa, porque vai desfalcado ás suas mãos, retalhado entre os intermediarios que se deparam em seu caminho. Os argentarios, que podiam dispensar um pouco de carinho ao artista nacional, não têm nenhuma sympathia pelo que aqui se faz. Posso contar-lhe um facto concreto. Ha quatro annos, mais ou menos, por occasião de ser construida uma das residencias mais sumptuosas da avenida Atlantica, procurei approximar-me do dono da casa e pedir-lhe o serviço de decorações. Este me respondeu que não tencionava decoral-a com luxo porque era mais uma casa de praia, onde pouco a familia demoraria. Satisfiz-me com a resposta e abri mão do pedido. Mezes depois, conversando em roda de collegas, vim a saber que a casa fôra decorada por um pintor italiano. Tambem não admira a preferencia. Para construir, na mesma casa, a grande piscina, com agua do mar, viera de Buenos Aires o engenheiro! Confirmavam-se, assim, os prognosticos de que no lar em questão a arte nacional não entrava. E note-se que me estou referindo a uma das maiores fortunas do Brasil. Pois este caso não é isolado; muito embora seja o primeiro a reconhecer que o artista, entre nós, já encontra trabalho, com relativa facilidade, o que antigamente não acontecia.

Esta lucta permanente, accrescida das condições de vida ainda de um modo geral pouco accessiveis ao homem de intelligencia, determina em grande parte este character de relativa e apparente inferioridade do nosso esforço, quando cotejado com o trabalho dos grandes mestres citados. Se não fosse o escrupulo de empregar um termo plebeu, eu lhe diria que a necessidade de cavar a vida marca o artista de hoje com esse character apressado dentro do qual não é possível crear obra que fique.

— Quer um exemplo? As nossas encommendas officiaes. Estas vêm tarde e fôra de hora. Os responsaveis pela edificação ou construcção cuidam de tudo, menos do principal, que é a arte, o embellezamento, a parte esthetica, de primordial importancia em assumptos desta natureza. Com a displicencia sempre observada quando se trata de coisas de intelligencia, deixam para a ultima

hora a factura das telas, dos "panneaux", das estatuas, resultando que a arte confeccionada sob a premencia de tempo exíguo e na tristeza da má recompensa monetaria, que diminue o estímulo, sahirá fatalmente mofina, concorrendo para que a evolução do artista se processe lentamente, sem a segurança desejada. Em nosso caso peculiar, ainda contamos um outro elemento de derrotismo na arte, que é o "intermediario". Para obtermos qualquer trabalho, geralmente precisamos utilizar os serviços do "intermediario" influente. E' este o homem bem relacionado, dispondo de amizades que tudo conseguem e tirando dessas amizades as vantagens e propinas que ellas podem dar. O intermediario, além de ficar com bôa parte do lucro que caberia ao artista, ainda exige, nos contractos, receber a primeira prestação, de sorte que, quando o artista consegue iniciar o trabalho, já está cansado, desgostoso, desilludido, com o animo entibiado, chocado por essas pequenas coisas, que tiram pelo menos dez por cento do estímulo a quem precise conceber e produzir, dentro de moldes determinados, uma encomenda de arte.

Entretanto, não veja nas minhas palavras expressão de desanimo. Desci a detalhes para justificar o facto de já não produzirmos grandes telas. Mas, tenho uma viva confiança nos destinos da arte nacional e reconheço que, apesar das restricções impostas pelo meio, esta ha de desenvolver-se, attingir grandes fins, produzir, frondejar.

A NECESSIDADE DA CRITICA

— Nos meios artisticos o critico exerce uma poderosa influencia sobre o animo dos artistas, educando tambem o publico. Algumas pessoas julgam, porém, que a critica de arte é o mesmo que a arremettida contra a vida e a obra do artista. Será que as exigencias da critica justifiquem de qualquer modo o ataque destruidor contra o artista?

A critica, ninguem como o artista consciencioso, sabe comprehendel-a. Ella precisa e deve ser feita com intelligencia, com cautela e meditação. A critica, para aproveitar ao artista, tem que ser uma obra de bondade, sem o que resulta nulla, o artista nada lucra que o critico venha dizer-lhe que o pé está errado ou a cabeça não está no seu lugar, porque ou o artista não viu esses defeitos e neste caso não é um artista porque não entende da sua arte e assim a lição publica do criterio perde a efficiencia ou o fez attendendo a detalhes e effeitos que o critico não teve agudesa para ver e, nesta hypothese, ainda mais irritante e nulla se torna a observação. O elogio, ao contrario, serve ao artista e educa o povo, porque o ensina a vêr os bons detalhes que escapam ao leigo, que vê em conjuncto, mas não sabe distinguir ou analysar. E' preciso educar o povo, mostrando-lhe porque o trabalho está bom, examinando-o, chamando a attenção para os detalhes, que melhor se possam fixar. O máo critico, aquelle que proclama erros existentes ou não nas creações alheias, apenas prepara o espirito do publico contra o artista, creando embaraços muitas vezes intransponiveis á arte, por isso que concorre para estabelecer um ambiente hostil, que vae exercer influencia decisiva no insuccesso que encerra mais tarde o cyclo, vegetativo dessa vida falhada.

E' facil exemplificar. O artista com a pecha de mão, não encontra facilidade para collocar o seu trabalho e, não deparando essa facilidade, vê-se obrigado a nada produzir, suffocando muitas vezes qualidades que, sem aquelle temível embaraço, poderiam florescer. Se o pintor, logo no começo da carreira, não deparasse em seu caminho um destruidor, melhoraria, fatalmente, as boas qualidades, tornando-se, por fim, um bom artista. E' que, de trabalho em trabalho, o artista melhora, mas, quando não ha este trabalho para executar, apodera-se do artista o desanimo, a indiferença pela profissão o domina, e o que nelle podia haver de bom vai desaparecendo, sem que essa victima do desvirtuamento da critica possa reagir e vencer a hostilidade ou a indiferença, que o meio estabelece em torno da sua pessoa.

Pergunto:

Ha vantagem nesta critica?

A sociedade lucrou alguma coisa com o dogmatismo impiedoso do falso mestre?

O artista, ao contrario disto, não fica sacrificado?

Apprendeu?

Corrigiu-se?

O publico lucrou?

Não. As obras de maldade nada creem, são estereis como os pensamentos ruins de que se geram. Só a bondade é capaz de produzir alguma coisa. Não é possivel esperar que o genio seja um producto do congraçamento da ignorancia e do odio. Pelo contrario. Só a fé constrói, só a bondade edifica. Fora deste postulado, não ha criação por mais forte que resista, todas as illusões se crestam, o artista soffre, a humanidade nada lucra.

Como seria differente se outro fosse o criterio do critico! Mostrando ao publico as boas qualidades do trabalho, elle educa, ensina a vêr, desperta no povo o interesse mais vivo pela arte. E auxilia a execução desta, porque com a aquisição do trabalho, o artista inicia outros, onde vai mostrar melhoras de technica, conquistas imperceptiveis ao leigo, mas que o olho experimentado descobre. Falando mal, porém, o critico destrói o artista, não educa ninguém, porque destruir não é educar, irrita, lança a sizania, prejudica os dois grupos.

Depois, como é difficil fazer critica! De um critico local recorde que, não tendo o que censurar ao meu quadro Direito de asylo, disse que faltava á figura de mulher, que enche o plano principal, "ondulações tacteis no ventre".

Ora, sejamos sinceros e reconheçamos que, nesta expressão, não ha conscientemente uma critica, ha, quando muito, uma maneira preciosa de dizer alguma coisa, que não diz coisa nenhuma...

ARTE COMO INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA

— No conflicto das diversas escolas, qual a que reúne a sua admiração e preferencias?

— E' muito difficil de responder, porque, de um modo geral, sou contrario á influencia das escolas. Considero a arte uma expressão de temperamento individual. A arte é espontanea. Existe no individuo ou não é possivel inven-

tal-a. Podemos desenvolvê-la ou annullá-la. O que não é possível, porém, é dar expansão ao genio artistico, enfaixando-o dentro de escolas. A arte precisa de liberdade para desenvolver-se. Se a constangimos, enlanguesce, concebe producto mesquinho.

Porque o artista haja diminuído?

Não. Porque a escola, fazendo adeptos, suffoca os impulsos individuaes, banalizando e corrompendo a personalidade do artista. O artista deve produzir isoladamente, tirando do mestre apenas a observação do detalhe, para fazê-lo dentro da sua propria maneira de pintar. A Escola é a negação do individualismo. Nivelá, achata a concepção, annulla toda a força mental. Senão, vejamos.

Que vem a ser uma Escola?

Será trabalho de um homem?

Não. A Escola é formada pelos artistas que seguem a influencia, a maneira de determinado artista, os quaes, á custa de cercal-o, imital-o, ás vezes copial-o, acabam perdendo toda a iniciativa e tornando-se obscuros seguidores de um astro, quando, muitas vezes, se não tivessem soffrido determinada influencia, poderiam firmar e impôr, brilhantemente, a propria individualidade.

Dado, porém, o mergulho na "escola", não ha mais personalidade e o artista não sahirá jámais de discreta mediocridade, mesmo porque o individuo só pôde brilhar cultivando o proprio temperamento, tiranda da sua estrutura mental as influencias que desenvolverá depois, mantendo sempre o eu caracteristico, pessoal. A "escola" não logra ser feita por "um homem". É o trabalho de muitos homens que imitam um. Dahi resulta que o "imitado" nenhuma utilidade a mais offerece que aquellas immanentes ao seu proprio talento, ao passo que os "imitadores" tudo têm a perder, nada, absolutamente nada, a ganhar. Cito, para exemplificação do meu pensamento, um facto conhecido. Em certo dia, em Paris, appareceu um pintor exquisito e de talento, que pintava, desprezando os pinceis e a palheta. Pintava com a bisnaga de tinta. Era mais synthetico, no manejo desses aparelhos eternos de que o homem lança mão para a factura. Escolhia assumptos grosseiros: um trapeiro, um remendão, uma scena de mercado, onde a pintura pudesse ser feita pelo seu processo estranho e, como elle sentia assim, a sua "maneira" pessoal era aquella, este homem conseguiu pintar coisas muito interessantes e fortes, neste genero singular. Sentia aquillo que pintava; logo devia produzir trabalho bom. Os imitadores, porém, não o deixaram. Cercaram-n'o. O homem fez rapidamente escola. Foi uma alegria para os vendedores de tinta, porque o novo processo de pintar com a bisnaga consumia tinta ás toneladas. Com a tinta com que os pintores da nova escola pintavam uma cabeça nós outros ~~gobriamos kilometros~~ de téia.

— Sabe que resultou?

O pintor original venceu, adquiriu nome, vendeu quadros, ganhou celebridade. Os seguidores, os discipulos, onde havia muito rapaz de talento, nada fizeram, prejudicaram-se, annullaram-se, nada creando capaz de ficar.

— Porque?

Porque o pintor "sentia" a maneira por que pintava, enquanto os seguidores forçavam a propria tendência para pintar o que não sentiam...

TRAÇOS RAPIDOS SOBRE A VIDA DO PINTOR

O sr. Augusto Bracet demonstra na sua physionomia uma vida de intenso trabalho, de agitada lucta mental. Brasileiro, filho de paes brasileiros, apesar do nome francamente gaulez, o sr. Bracet deve ao seu pae o impulso inicial para a arte, o conselho, a tendencia que determinou em sua vida a suggestão artistica. O seu pae, sr. Trajano Bracet, não fôra em verdade um artista, mas frequentára a antiga Academia de Bellas-Artes, ao tempo do velho Mafra, e ficára no correr da vida um apaixonado da fôrma. Cedo exercitou o filho no estudo do desenho, estimulando-lhe as nativas inclinações latentes. O joven Augusto Bracet foi estudando e riscando, enchendo os primeiros palmos de tãla, ensaiando para os altos vôos. Certo dia, o escriptor Domingos Olympio, muito amigo de seu pae, faz uma visita á sua casa. São-lhe mostrados, como curiosidade, os escôrços do joven desenhista. Domingos Olympio antevê o futuro do rapaz e procura leval-o a matricular-se na Escola de Bellas-Artes. Tomando a iniciativa, Domingos Olympio insiste no conselho até ver o joven Bracet installado na Escola. Matriculando-se em 1903, já o Sr. Augusto Bracet tinha frequentado o anno anterior, como alumno livre. Durante o curso academico, todas as distincções foram-lhe conferidas: Medalha de prata em 1908, medalha de ouro em 1909; premio de viagem em 1912. Viajando a Europa, no usufructo da recompensa que o governo lhe conferia, o artista casou-se. E este casamento, conforme nol-o accentúa, constituiu passo decisivo na sua vida, porque a esposa, intelligentissima, verdadeira vocação de artista, encaminhou-o com o seu conselho amigo, formando hoje o casal, Augusto e Marguerit Bracet, um lar de artistas felizes.